

A POSIÇÃO DE GRAÇA ARANHA NO LASTRO DO MODERNO

POR

MARIA RITA SANTOS

Universidade Federal do Maranhão/UFMA

O final do século XIX e o início do século XX foi um período marcado pelo cruzamento de várias doutrinas, de inúmeros dogmas, de alguns cânones etc.

No âmbito das letras, a atividade era intensa, mas não satisfatória. Havia uma inquietação coletiva, uma busca incessante. Era um momento nervoso. Os questionamentos surgiam de toda parte. Ora, se se interroga algo é porque este algo existe – havia irrequietação geral e em vários planos. Paralelamente, viviam e conviviam parnasianos, simbolistas e gente que já se pretendia moderna em relação ao momento vivido, mesmo que esta ambicionada modernidade não ultrapassasse a soleira do nível meramente formal. É exato neste clima que nasce, cresce, vive e convive José Pereira da Graça Aranha. Como qualquer ser humano, padeceu de influências e influenciou, tomou partido ou ficou imparcial, teve suas incoerências, considerou seus interesses ao longo da vida, andou por picos e por vales contando com ganhos e com derrocadas, só que, quando estas ocorriam, imprimia nelas o sabor da vitória já tantas vezes experimentado.

Com a publicação de *Canaã*, abre para si próprio as portas da terra da promessa que, no caso, reporta-se ao seu futuro no seio da Literatura Brasileira. É, pois, a partir deste lançamento que se torna nacionalmente conhecido. Para muitos críticos de boa safra à época, *Canaã* foi novidade em múltiplos aspectos nas letras brasileira e portuguesas, sobretudo, porque sintetizava a essência da pátria universal, ampla discussão do momento nos quatro cantos do país, onde houvesse aí uma fumaça de tempero intelectual. Por tudo, *Canaã* é um texto ímpar, notadamente pela temática e pelo modo da realidade questionar. Há quem conceba o texto como pré-modernista, mas há também quem o nomeie simbolista, encontrando nele até um simbolismo nórdico, base assaz suficiente para aqueles que afirmam ser um romance racista ou facista (Martins 199). Já Elysio de Carvalho se encantava mesmo era com a direção reflexiva de Graça Aranha que o leva a crer piamente na evolução gradativa da espécie humana para rumos mais prósperos e pacíficos e, por isso, considerava *Canaã* como o romance da energia nacional que se contrapunha ao terror cósmico (198).

Sobre o atribulado momento histórico e sobre Graça Aranha ou *Canaã*, diz mais Elysio de Carvalho:

O nosso espírito, vencido no desolamento desta época cheia de amarguras, desesperos e sofrimentos, na apavorante desordem mental que é a nota característica de todo mundo,

acóde para elle numa agitação de turba faminta, numa insânia e com alaridos de bárbaros à vista do sol que se levanta. É que Graça Aranha o gênio soberbo de *Chanaan* nos traz o que há muito todos esperávamos: o grande ideal para affirmar o destino, a palavra de ordem que assignala para a frente a terra suspirante, o signo que marca no horizonte o rumo a todos os videntes anciosos da eterna beleza. (Carvalho 3-4)

De personalidade irrequieta por natureza, de uma forma ou de outra, Graça Aranha participava sempre e ativamente da vida nacional. Quando no exterior, não parava um só instante de pensar no Brasil progresso, altaneiro, vivo, renovado, civilizado e social. Para Elyσιο de Carvalho, foi ele o iniciador do romance social, assinalando... época na evolução do pensamento brasileiro (4).

Em outubro de 1921, Graça Aranha retorna definitivamente da Europa, mas volta revestido de novas idéias que por lá se processavam e, por conseguinte, imbuído do desejo de reformulação, fato que lhe era peculiar, na proporção em que era um espírito aberto às boas novidades sem o que hesitaria em aderir à causa moderna dos jovens paulistas, a que aderiu sem rogos ou insistências.

Sabe-se até que, ao desembarcar no Rio de Janeiro, procura imediatamente saber do desenvolvimento literário do país e fica surpreso de alegria quando toma conhecimento que alguma coisa ou algum movimento estava sendo realizado neste sentido. Por conta desta procura, conhece Ronald Carvalho e com ele passa a liderar uma corrente literária modernista, paralelamente à corrente, também modernista, liderada pelo poeta Manoel Bandeira.

Urge ressaltar agora que Graça Aranha, além de membro da Academia Brasileira de Letras –A.B.L.– era um escritor de renome. Devido às suas funções diplomáticas, exercidas na Europa, contava com sólidas amizades tanto no ambiente do Itamaraty quanto fora dele. Assim, se por alguma razão havia gente que não o admirasse, por outras razões havia gente e de bom quilate intelectual, como Elyσιο de Carvalho, que o admirava publicamente, pois ainda a propósito de *Canaã* e de Graça Aranha escreveu:

No género Ghanaan é o livro mais representativo, mais social e mais humano que se escreveu em língua portugueza, porque vale não só como uma pintura magistral dos costumes, caracteres e aspectos da vida brasileira, como synthetisa admiravelmente as aspirações da pátria universal, neste seu momento de crise profunda e suprema. O que Graça Aranha fez, é obra sua exclusiva, destacada da história das letras patrias como um prodígio incomparável. Nada tinha sido ainda tentado no rumo por elle aberto. (5)

Para Elyσιο de Carvalho, Graça Aranha era um inovador, uma idéia predominante, um atalaia das mudanças, um precursor do modernismo que surge na soleira dos tempos novos como um profeta do seu destino (6).

É assim que se explica porque Graça só se deixava envelhecer apenas cronologicamente, jamais nas idéias ou no pensamento. Por meio de intensos contatos, estava sempre alerta para abraçar a mobilidade, em total detrimento da imobilidade. A filosofia spenceriana e o darwinismo foram assimilados por Graça ainda nos bancos da escola do Recife. Isto por si só já explica o que se vem querendo dizer: Graça Aranha era um eterno opositor do conservadorismo servil que fez curvar a cerviz.

Os jovens de São Paulo vinham trabalhando a sério, em prol de uma nova Arte, aproximadamente uma década e, para efetuar tal desejo, reconheciam, por conta do culturalmente já consagrado, ou do modo de bem funcionar o país, a ingente necessidade de um bom e eficaz apadrinhamento. Dentre os estabilizados na vida literária, a história do comportamento público de Graça Aranha estava em observação no meio dos moços, e sem delongas, fora aprovado porque reunia de fato as condições e as virtudes procuradas pelos jovens empolgados com a certeza da implantação de novidades. Era, pois, de um padrinho, com todas essas qualidades referidas e prestígio nacional assegurado, que necessitavam os jovens de São Paulo. Ao procurá-lo, contaram com a imediata simpatia do eleito, e ao que parece tudo indica que o escolhido sabia o que estava a fazer. É desta maneira que Graça Aranha é carregado para a frente do movimento. Mas, se não foi o pai ou o primeiríssimo do movimento, foi seguramente o primeiro dentre os seus comparsas a se levantar em favor da adesão às mudanças porque as compreendia inevitáveis e, por conseguinte, em favor, em gesto de endosso ou solidariedade aos jovens brasileiros que defendiam uma literatura moderna de aparência sim, mas sobretudo de essência nacional, autenticamente brasileira, brasileiríssima.

Em novembro de 1921, o autor da peça *Malazarte* entra em contato com seu grande amigo Paulo Prado e é, por meio dele, que os jovens modernos se aproximam de Paulo, que logo demonstra interesse pela causa dos moços paulistanos já plenamente apoiados pelo reconhecido autor de *Canaã*. Como se pode observar, Graça Aranha além de aderir àquilo que considera justa causa, respeitante às letras pátrias, compromete-se e consegue apoio e promoção de que os meninos de São Paulo tanto careciam. No caso vertente, portase como um grande articulador e facilitador da nobre causa.

Em 29 de janeiro de 1922, sai a seguinte notícia no jornal *O Estado de São Paulo*:

Por iniciativa do festejado escritor; Sr. Graça Aranha, da Academia Brasileira de Letras, haverá em São Paulo uma 'Semana de Arte Moderna em que tomarão parte os artistas que, em nosso meio, representam as mais modernas correntes artísticas.

Programa: 1 – Exposição de 11 a 18 do mês de fevereiro. 2 – Recitais nas noites dos dias 13 e 17. 3 – Conferências de Graça Aranha, Ronald de Carvalho, Menotti Del Picchia. 4 – Números de música, solos de pianos, bailados... (Ferreira 334-35)

Na segunda-feira, dia 13, o conferencista, de conformidade com o programa, abre a *Semana de Arte Moderna*, referindo-se à exposição de arte presente no saguão do Teatro e com a missão de apresentar os novos gênios e respectivas produções artísticas. Para tanto, inicia a sua oração em tom próprio de um acadêmico:

Para muitos de vós, a curiosa e sugestiva exposição que gloriosamente inauguramos hoje, é uma aglomeração de 'horrores'. Aquele Gênio supliciado, aquele homem amarelo, aquele carnaval alucinante, aquela paisagem invertida, se não são jogos da fantasia de artistas zombeteiros, são seguramente desvairadas interpretações da natureza e da vida. Não está terminado o vosso espanto. Outros 'horrores' vos esperam. Daqui a pouco, juntando-se a esta coleção de disparates, uma poesia liberta, uma música extravagante, mas transcendente, virão revoltar aqueles que reagem movidos pelas forças do Passado. Para estes retardatários a arte ainda é o Belo. (Telles 220)

O título desta conferência *A emoção estética na arte moderna*, com a qual Graça Aranha inaugura ou batiza a *Semana*, já denuncia o seu contato com a corrente espiritonovista, proposta por Guillaume Apollinaire, em França, entre 1917 e 1918. A estética desta proposição é desenvolvida na revista *L'Esprit Nouveau*, fundada em Paris, em 1920, pelos pintores Ozenfant e Le Corbusier (146). Ainda *in loco* lá na Europa, o conferencista futuro batizante da *Semana* tomou conhecimento desta vanguarda e com ela conviveu por algum tempo. Ozenfant afirmava ser o fim último da arte a comoção e dizia ser o belo uma certa classe de *emoção intensiva*. Assim, espírito novo e espírito moderno se não são sinônimos o moderno é variante do novo, logo guardam entre si significativas semelhanças.

Quando o orador atacou o preconceito da beleza, pelo fato de o pressupor incrustado no auditório, quis dizer que o belo também consiste na alegria da emoção. Daí, concluir-se o seguinte: se o moderno alegre pela emoção, é belo. Também registra e adverte a propósito dos graus da emoção necessária ao artista criador, ao artista intérprete e ao artista espectador, pois o homem é um animal artista, em essência e por excelência, e a Arte, dele faz parte como medianeira. É por isso que ele precisa dela para se unir ao Todo Universal. E mais: doutrina o auditório contra o terror cósmico no momento em que sugere a reformulação do conceito de Beleza, declarando o belo objetivo, preconceito perturbador da Arte e apresentando a Beleza subjetiva, advinda da emoção, como o único meio eficaz de atingir a perpétua alegria responsável pela integração do homem no Cosmos, no todo infinito ou no todo ilimitado. O espírito novo pregava que o poeta não é somente um homem do belo, é sobretudo o homem da verdade, tanto quanto lhe permitia entrar no desconhecido, gerando a surpresa, principal mecanismo da poesia moderna, defendida pelo espiritonovismo.

Quando afirma que o homem é um animal artista, diz tão somente que este necessita da arte para nela mergulhar e por meio de suas emoções buscar a essência da arte só encontrada nela mesma.

É ainda por conta do espírito novo que prega a necessidade de ser adquirido um espírito crítico, seguro, imbricado como o bom-senso, e, acentuando as vantagens disso, assevera:

Ninguém pode dizer com segurança onde há erro ou a loucura na arte, que é a expressão do estranho mundo subjetivo do homem. O nosso julgamento está subordinado aos nossos variáveis preconceitos. O gênio se manifestará livremente, e esta independência é uma magnífica fatalidade e contra ela não prevalecerão as academias, as escolas, as arbitrárias regras do bom gosto, e do infecundo bom-senso. Temos que aceitar como uma força inexorável a arte libertada. (223)

Este artigo trata do velho, do novo e da subjetividade na arte. A causa que ora é defendida evoca, em muitos pontos, a *Questão Coimbrã* que se assentava na dicotomia Renovação x Tradição. A carta *Bom-senso e bom-gosto*, de Antero de Quental, como *A emoção estética na arte moderna* são escritos que comprovam os choques de idéias compreensíveis entre seres humanos e/ou entre gerações como é o caso. A diferença está em que Antero de Quental era um jovem de 23 anos, experimentando arroubos próprios

da juventude, enquanto Graça Aranha era um senhor de 54 anos, que já havia ultrapassado o seu período de impulsividade ou de paixão cega pelas causas ou pelas coisas, atitude mais peculiar à juventude. Ademais, para Apollinaire, o bom-senso era a bússola do espírito novo, o norte das ações, a fonte das transformações, o nascedouro da criação ou recriação que é a base da novidade emanada do espírito novo.

Doutrina os ouvintes, evidenciando a importância do subjetivismo, quando liberto do lirismo calcado na tristeza e na nostalgia, predicados próprios da raça que bem pode ser entendida como sendo a raça dos conservadores. É por isso que convida o auditório para com ele louvar os poetas que se libertam pelos seus próprios meios... Compreende-se que aconselhava no sentido de não se sujeitar à coisa ou ao fato só e somente porque é desconhecido, estranho ou novo. E é pena; nem tudo que é novo, desconhecido ou estranho é melhor. Nem tudo que é velho, tradicional ou conservador é pior. De ambos os lados há coisas boas e ruins, mas as mudanças são indispensáveis e isto não se deve perder de vista. É preciso se examinar, em primeiro lugar, para que se conheça, pois cada arte tem o seu meio de expressão próprio e a criação e a análise de cada produção dependem do grau de emoção.

Para Graça Aranha, o Modernismo devia ser nacionalista, nunca exclusivamente regionalista; universal, sim; jamais provinciano; revolucionário acima de tudo, de maneira nenhuma meio conservador, livre e abrangente.

Malgrado tudo, hoje os estudos apontam, no mínimo, duas facções que se posicionavam a propósito do papel de Graça Aranha na *Semana de Arte Moderna*. De um lado, não faltam elogios rasgados ou veementes e, de outro, não faltam acusações, às vezes, algumas descabidas ou retoricamente fortes, próprias do desejo de desmerecimento.

O Sr. Graça Aranha, pelo seu discurso de abertura da *Semana de Arte Moderna*, é acusado de: verbosidade acadêmica, obscuridade por conta dos velhos conceitos filosóficos, não definir a estética do movimento, não entender Arte Moderna, não causar impacto no auditório, buscar prestígio no meio dos jovens, falta de entusiasmo pela moderação demonstrada a propósito do tema e da causa etc.

Quanto a pronunciar-se como um acadêmico que na verdade o era, coisa que, aliás, só pesou em sua eleição para anfitrião do congresso, conforme notícia em *O Estado de São Paulo*, primeiro conferencista isento de vaias ou atitudes similares, convém salientar que tanto o grupo que o escolheu, como o auditório que ao Teatro compareceu para ouvi-lo não estariam esperando dele uma forma diferente de expressão, pois era com esta exata forma que o orador estava familiarizado, era de tal modo que sabia falar academicamente; enfim, era pelo seu tom retórico que também era conhecido, marca comum aos intelectuais de sua época. Não obstante, o pronunciamento de Graça deteve-se, de algum modo, contra a Academia e o Academicismo, a imobilidade, os cânones, às molduras, claro desde o primeiro parágrafo, já transcrito, desta oração. De tudo isto, derramado por toda a *emoção estética na arte moderna*, depreende-se que a insurreição era sobretudo contra a Academia emperrante do novo, da novidade e do nacionalismo (fato confirmado em 1924) e não necessariamente contra a literatura acadêmica já produzida e constante na *História da Literatura Brasileira*.

Todos sabiam que Graça era o padrinho do mo(vi)mento e não o pai da nova estética, logo não era de sua inteira responsabilidade definí-la. Mário de Andrade –depois do Papa

do Modernismo— explicava que o Modernismo não era uma estética, nem na Europa, nem aqui. Era um estado de espírito, revoltado e revolucionário. Afirmava até que esta era a melhor razão de ser do Modernismo.

Quanto aos antigos conceitos filosóficos parece calhar bem este depoimento de Mário a propósito da fundação do seu Desvairismo (desconstrução/construção):

E desculpe-me por estar tão atrasado dos movimentos artísticos atuais. Sou passadista, confesso. Ninguém pode se libertar duma só vez das teorias-avós que bebeu; e o autor deste livro seria hipócrita se pretendesse representar orientação moderna que ainda não compreende bem. (239)

A conferência de abertura da Semana mostra um grau de adequada e consciente sintonia com o espírito novo apollinairiano. Seria isto não entender nada de Arte Moderna? Seria, grosso modo, tábula rasa o intelectual convidado para patrono dos novos rumos da literatura nacional?

Pelo já expendido, compreende-se que os jovens não desejavam do orador impacto, mas prestígio e, isso, receberam na forma e na medida como desejavam. Alguns investigadores do assunto em tela registram para amplo conhecimento que em frente de crianças não era conveniente nem um comentário sobre a *Semana*, porque esta era considerada imoral. Diante disto, como se pode conceber que o Sr. Graça Aranha queria prestígio daqueles a quem ele já emprestara o seu. Ademais, para o grande público e alguns homens de letras não eram os jovens olhados como loucos, indecorosos e agressores da moral vigente?

Se Graça Aranha, através de sua conferência, mostra a sua aproximação com a corrente espiritonovista, que outra posição se poderia esperar dele senão aquela de quem busca conciliação e não a menor novidade? Por outro lado, não lhe era muito custoso se posicionar diplomata, pois exercera a profissão com garbo durante 20 anos, o que prova, mais uma vez, que o único vínculo entre ele e os jovens era a luta pela (re)formulação das letras brasileiras, no rumo da brasilidade, da atualização e da sintonia com o Homem, com a Humanidade e com a Vida.

Exigir do Sr. Graça Aranha que se tornasse um modernista de estilo da noite para o dia é desconhecer a dificuldade que o homem sente de se desligar das *teorias-avós*. Cortar drasticamente com a tradição ou cultura é uma atitude penosa, é um gesto difícil, é uma posição incômoda para além de um procedimento corajoso. É por isso que o conferencista se coloca na verdadeira posição de diplomata, pois o que parece haver aceito era o convite para apresentar os novos Gênios e respectivas produções, doutrinar o auditório em favor da arte moderna e advertir os passadistas de que evolução é fatal. E mais: a Arte nascia no Brasil e nada impediria o seu desabrochamento e crescimento, uma vez que era parturiada pela liberdade —grande força geradora da Arte. Basta examinar a oração que oficializa a *Semana* para se compreender que o conferencista efetivamente cumpriu sua missão de forma brilhante, corajosa e ímpar.

Pelo já exposto, Graça Aranha buscou conciliar novo e velho, rejeitou o radicalismo sobretudo quando propôs uma (re)conceituação de belo, demonstrou-se um homem de mente aberta porque buscava o moderno como atualização inevitável. Disto, depreende-

se: o que lhe faltou mesmo foi a ajustada afinidade com a idéia modernista, o que implica porque jamais o escritor adquiriu o modernismo de estilo, defendido no ardor da paixão dos iniciantes. No entanto, nada impede que seja o autor de *Estética da vida*, considerado um modernista de intenção. Vale ressaltar, nesta altura, que Graça Aranha não concordava em tudo com os jovens a quem apoiava. Era, pois, natural que houvesse desconfianças de um lado e de outro. Todavia, no momento da *Semana*, estava mais visceralmente comprometido com a renovação artística para o Brasil do que com as convenções assumidas no passado.

Na qualidade de padrinho dos novos, advoga brilhantemente em prol da liberdade, única dimensão capaz de permitir *extravagâncias mil* no ato de gerar a maravilha de Arte e reage contra o preconceito que emperrava e desfalecia a originalidade na Arte. Graça Aranha, pelo seu espírito impulsivo, próprio daquele que sabe protestar, com bons argumentos, guardando reminiscência do *anarquista* que fora na mocidade, era antes de tudo um espírito aberto à juventude, à inovação, às (re)formulações e não à simples novidade, isto é, a novidade pela novidade.

Não era de outra forma o espírito de Elysio de Carvalho, sobretudo no plano do comportamento, o que foi dito de um pode, perfeitamente, ser estendido ao outro. Elysio, para além de palestras, artigos, reuniões literárias, iniciou-se também no trabalho de tradução, traduzindo de Oscar Wilde *Balada do enforcado* e, em versão livre, *Poemas*. Como literato estréia com os versos líricos *Horas de febre*. Depois publica o livro de contos *Alma antiga* e não pára por aí.

Na marcha ou ainda no sabor no *finisséculo* publica *Delenda Cartago*, manifesto do movimento naturista de inspiração francesa que não vingou do mesmo modo que não vingara em França. A dez de janeiro do ano de 1997, fez um século que o manifesto naturista fora publicado, no *Figaro*, sem eco ou sem ressonância. Elysio, com base em Saint-Georges de Bonhélier, resume um breve e opaco naturismo que teve o grupo, dissolvido entre 1900 e 1902 em Paris:

...é a expressão das aspirações da época, é o desabrochar dos desejos do século e o resultado da evolução. Todas as nossas doutrinas vão de acordo com as necessidades sociais desta época: nossa arte não é senão a expressão estética do socialismo, isto é, o estado organizado sob fundamentos naturais. (153)

Depois de longa exposição sobre o mo(vi)mento, Elysio de Carvalho diz ser o *Naturismo* uma moral estética, reclama com veemência da esterilidade literária da época e como qualquer discípulo, insiste, em que *só o naturalismo poderá revigorar* o patriotismo decadente e o *ideal de Arte* que, na sua visão, o país tanto carecia.

A afinidade entre Elysio de Carvalho e Graça Aranha se processa de vários modos e está registrada em muitos pontos da obra do autor de *Five o'clock*. O respeitado crítico Cassiano Nunes, em *Elysio de Carvalho e o espírito de seu tempo*, notifica assim o ora argumentado:

Dois anos depois, o vibrante ensaísta volta a editar um volume. Trata-se de *Bárbaros e Europeus*, que reúne ensaios de filosofia e crítica literária só de autores europeus,

podemos dizer, pois o poeta Rubem Darío é, antes de tudo, um escritor europeu. No livro, a dedicatória exaltada a Graça Aranha, chama-o “*o mestre mais representativo do espírito europeu*” na nossa gente. (Nunes 25)

Foi deste espírito de insatisfação e da incessante busca de renovação que o Brasil vai desembocar na *Semana de Arte Moderna* com a plena aprovação de Elysio e com o profundo envolvimento de Graça Aranha, que deu tudo de si, para o pleno êxito do movimento.

BIBLIOGRAFIA

- Carvalho, Elysio de. *As modernas correntes estéticas na literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Garnier, 1907.
- Ferreira, Delson Gonçalves. *Língua e literatura luso-brasileira*. São Paulo: Descubra, s/d.
- Martins, Wilson. *História da inteligência brasileira*. Vol. V (1897-1914). São Paulo: Cultrix, 1978.
- Nunes, Cassiano. “Elysio de Carvalho e o espírito do seu tempo”. *Elysio de Carvalho Ensaios*. Brasília: Universus-UCB, 1997.
- Telles, Gilberto Mendonça. *Vanguarda européia e modernismo brasileiro*. Rio de Janeiro: Vozes, 1976.